

Eu devia ter 9 anos ... e nenhuma experiência em culinária, o que se explica mais adiante. Minha família era grande: 6 filhos que meus pais criavam com certa dificuldade mas, como toda típica família Italiana, com muita comida e algumas frequentes palmadas.

Os tempos eram outros, início dos anos 70, e conversávamos pouco com nossos pais. Me lembro de minha mãe, sempre atarefada, com roupa de 8 pessoas para lavar no tanque – não tínhamos máquina de lavar – sempre às voltas com algum problema de ordem prática ou financeira.

Já meu pai era uma figura contraditória. Apesar de meio “Dom Casmurro”- pouco falava - era o elemento que expressava o carinho, no casamento com minha mãe. Lembro-me dele puxando-a pela cintura na beira da pia, para sapecar-lhe um beijo nos cabelos, ao que ela retrucava “Gil, que é isso... Pare, que você está me atrapalhando..!”.

Era um dos homens mais inteligentes que conheci e capaz de discutir qualquer tipo de assunto sempre de uma forma didática, o que nos fascinava. Com ele aprendi a gostar de música clássica e foi ele que nos introduziu à poesia delicada do Chico Buarque, um de seus músicos preferidos. Ele e meu irmão mais velho gastaram horas, diante da velha “vitrola”, copiando a letra de “Pedro Pedreiro”, até que conseguíssemos cantar juntos...

Uma de suas diversões preferidas era distribuir questões de conhecimentos gerais em pedacinhos de papel dobrados, que ele colocava num corredor de macarrão e que sorteávamos entre nós, cabendo-nos pontos positivos se as acertássemos. Não havia prêmio algum em disputa, a não ser o prazer de aprender, que ele também nos transmitiu.

Naquele dia em questão eu havia chegado mais tarde das brincadeiras da rua e me atrasara para o almoço. Todos já tinham almoçado, cada um no horário que melhor lhe atendesse – era esse o arranjo em casa, e só meu pai ainda comia, com um livro aberto, apoiado numa travessa da mesa, para lhe facilitar a dupla tarefa de alimentar o estômago e a alma.

Minha mãe já lavava a louça, na pia, e ficou aborrecida por eu ainda não ter almoçado. Hoje eu a entendo. Perguntei-lhe se podia fritar um ovo, tentando minimizar a interrupção de sua tarefa e ela deu de ombros, não se oferecendo para me ensinar – apesar de eu nunca ter tentado nada nessa área. Se eu tivesse seis filhos, provavelmente daria a mesma resposta.

Entretanto, julgava que já havia assistido aquela cena tantas e tantas vezes que sabia como desempenhá-la. Ledo engano... Coloquei a frigideira com um pouco de óleo no fogo e, dado um certo tempo, tentei quebrar o ovo como via minha mãe fazendo: batendo-o levemente na beirada do fogão.

Errei na força aplicada e o ovo esparramou-se sobre a superfície do fogão, escorrendo até o chão. Olhei amedrontada para minha mãe: “Pode tratar de ir limpando a sujeira! Quem mandou você não estar aqui mais cedo?” - me disse ela.

Desliguei o fogão e com dificuldade recolhi a sujeira num pano molhado.

Voltei ao “Passo no. 1”. Segundo ovo, segundo desastre. Definitivamente eu era forte demais. Outro ovo escorrendo pelos botões do fogão, pingando no chão de vermelhão da cozinha.

Minha mãe voltou a elevar a voz e me ameaçou com a concha que estava lavando. Comecei a chorar, já pensando em desistir do almoço, da culinária, de tudo enfim.

Meio resmungando entre as lágrimas desliguei o fogão e comecei a limpar a sujeira novamente, que desta vez estava mais “colada” nas reentrâncias e saliências da superfície, devido ao calor da segunda tentativa.

Qual não foi minha surpresa ao ver meu pai entrando (e eu nem havia notado que ele saíra!) com um saquinho pequeno de papel pardo na mão, como se embalavam ovos, naquela época. Sorriu para mim, com um misto de amor e cumplicidade (ele também não era nenhum chef, na cozinha).

- Estão aqui. Seis ovos. Agora você vai fritar um por um até aprender. Se o problema era esse, já não tem mais problema...

Ficou sentado na mesa, fingindo ler o livro dele, enquanto eu, ainda entre lágrimas, dessa vez de uma emoção que eu não sabia explicar, fritei um, dois... três ovos! E os comi! Todos. Um a um. Mesmo com o sabor das lágrimas foram os ovos mais gostosos que já fritei em minha vida.

Naquele dia, ele me ensinou a acreditar em mim. A insistir. A não me incomodar com os erros, pois quando a gente quer, de verdade... a gente sempre consegue.

(Maria de Oliveira Lima - ao repassar, respeite a autoria e a fonte)  
(fonte: <http://www.esextante.com.br/>)